

BORDERLINE

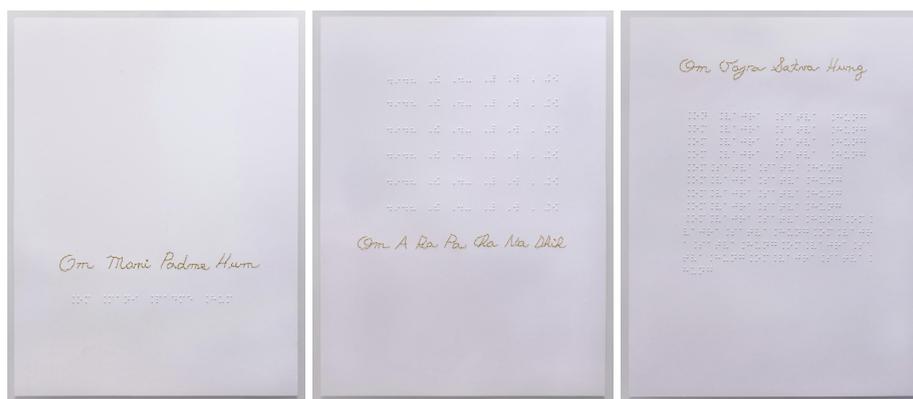
um território para sobreviver

"Stay alive [...]

Stay alive again [...]"

Esses e outros sussurros incisivos nos mourões que podemos somente ler de forma fragmentada, quase querendo ser invisíveis na própria pele-corpo do trabalho enquanto matéria, fazem parte das operações articuladas pela artista Márcia Clayton, evocando campos de forças alternativos que têm sido soterrados continuamente pela perpetuação de uma lógica pragmática do poder instituído. Muitos de nós vivemos nas ou às margens em variados graus de relação e de tensão com o mundo, e este, cada vez mais em crise em sua estrutura como sociedade ocidental, que é de onde estamos falando, ainda nos convoca a agir e a viver em um modus operandi que nos afasta constantemente da possibilidade de produzirmos subjetividades.

Márcia em sua necessidade de inscrever/escrever como testemunho dessa sobrevivência, como qualquer artista em princípio o faz, nos puxa para dentro de um fluxo de signos que se fazem textos e imagens. Nos sugere 'ver' em braille por palavras-ausências marcadas na matéria ou através dos furos e linhas em frases-mantras bordadas no plano, para então nos fazer talvez alcançar algo que é ininteligível, mas que ressoa latente também dentro de nós: repetir e continuar, apesar de tudo.



REFUGE #1, #4, #3 (2019)

Os artistas são geralmente habitantes dessas fronteiras e transitando mais livremente pelo mundo das ideias e das percepções sutis, nos trazem notícias de lá, podendo assim nos ofertar outros modos de ver e viver. Ao fincar seu mourão no solo, escrito em torno de sua superfície fállica mas também circular, Márcia nos coloca num ciclo meditativo, onde não importa mais saber o que está fora ou dentro destas bordas. Tudo é, todos somos. O mourão se torna corpo, lápis, papel, roda e assim joga. Demarca, oferece e devolve simbolicamente o território do artista ao mundo.



SUICIDAL/SURVIVOR series (2019)

Das poesias que lemos aos soluços em seus mourões, até as camisas-manifestos com pensamentos retirados de declarações reais de ataques violentos em escolas pelo mundo, as experiências oferecidas pela artista andam na contramão da lógica das forças e do controle vigentes. Ver a artista carregar um pesado mourão em uma fotografia com angulação de câmera de segurança, ou ver seu corpo de mulher empurrar enormes fardos circulares de palha interferindo assim minimamente na paisagem - que se faz aqui também escritura, linha e signo como imagem - a torna uma espécie de anti-heroína, onde sua arma super-poderosa não é na verdade a força física que aparenta usar, nem a conquista efetiva de um território estrangeiro ao lidar com um lugar fora da sua terra natal, mas a elaboração daquele mundo através de um esforço de segunda ordem que ainda hoje faz parte da história dos vencidos: a lógica do feminino.



POSTING



THE WILDERNESS IS KENT. KENT IS THE WILDERNESS (2019)

Que peso do mundo pode uma mulher aguentar?

Que peso do mundo pode um ser humano aguentar?

Certamente não é o mesmo peso do Sansão, do Hércules ou mesmo do Atlas, porém pode ser como o da carta onze do tarot: a Força, onde a figura feminina não precisa de músculos para carregar o mundo, matar um leão ou destruir o templo por vingança, apenas de sua sensibilidade e de suas mãos que quase acariciam, cuidam e encantam a fera. . . mãos para bordar, para costurar, para escrever, para apontar caminhos, circunscrever territórios que convidam a entrar, a divagar, a compartilhar e assim, a seu modo, resistir.



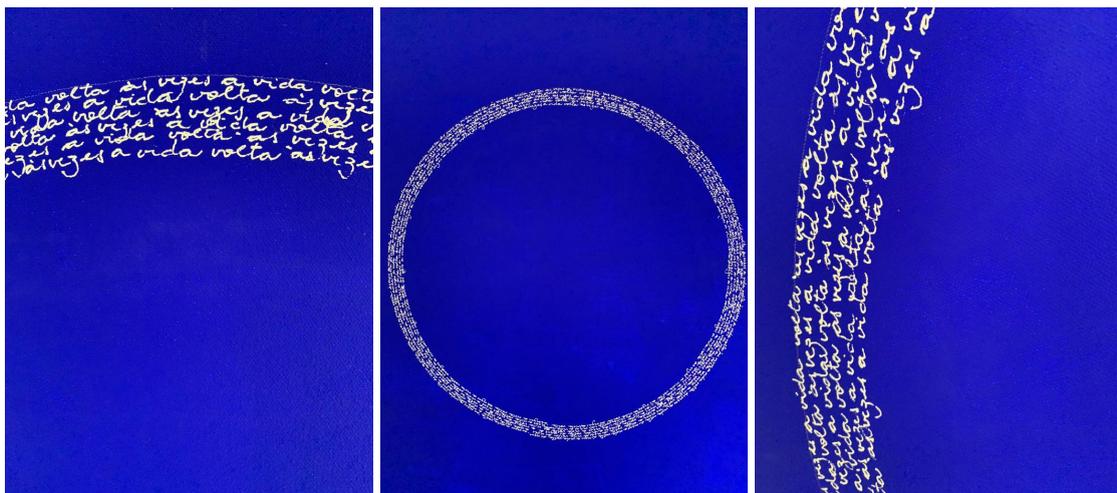
1. Antonio del Pollaiuolo, *Hércules e a Hidra de Lerna* - têmpera sobre madeira - 17x12cm (c.1475)

2. Lucas Cranach, o velho, *Sansão luta com o leão* - Óleo e têmpera sobre madeira - 58x38cm (1520-25)



Diversas representações da carta "A FORÇA" do TAROT, considerada a versão feminina do Hércules e do Sansão.

Márcia não pretende que consigamos ler tudo o que escreve, longe disso. O seu fluxo de escrita se torna uma outra coisa quando chega até nós. Muitas vezes seus textos, poesias ou palavras soltas funcionam como simples elementos visuais ou como nos trabalhos da série BLUES, uma metalinguagem. Suas construções são na verdade camuflagem e pretextos para jogos de hipertexto. Signo, significado e imagens mentais entram em livre relação quando a bola passa ao observador/leitor, e voam para o mundo como as orações das rodas e bandeiras dos templos budistas que tanto a fascinam.



BLUES #2 (2020)

Encontrar-se com o trabalho de Márcia Clayton é ter a sensação de estar de certa forma também meditando através de círculos, passando de um trabalho a outro, de uma palavra à outra, por essas leves centelhas de luz constantes e ritmadas que pouco a pouco vão nos levando para esse território que tem uma gravidade, uma força e um peso alterados e incomuns. E assim humana e sensivelmente, a artista nos convida a ter mais fôlego para continuarmos a sobreviver, mesmo que aparentemente subvertendo de forma quase passiva essa lógica que se perpetua continuamente e que nos quer controlar, definir e aniquilar repetidamente. . . again and again and again.

Cristiane Geraldelli
Artista e Pesquisadora
Julho | 2021